



HABILITAÇÕES 2020

Escola Guignard - UEMG

CERÂMICA

DESENHO

ESCULTURA

FOTOGRAFIA

LITOGRAFIA

PINTURA

SERIGRAFIA

A arte sempre se fez presente em momentos críticos, e não seria diferente neste momento vivenciado atualmente, perante a pandemia da Covid-19.

O desafio em realizar uma prática artística comumente discutida e vivenciada nos ateliês e dependências da Escola Guignard, ao longo do ano de 2020, foi ambigualmente marcado por restrições e superações nas mais diversas instâncias. Diante a quarentena e o isolamento social, presenciamos o cenário do mundo da arte e da cultura, num estado de fragilidade social. Professores, estudantes e funcionários, assim como toda a comunidade acadêmica, foram colocados a prova de xeque.

A mudança do ambiente de interlocução e produção artística, distante do que inicialmente almejavamos teve, em muitos momentos, o desafio de limitações técnicas e estruturais, mediada por adaptações e soluções alternativas. A falta do espaço promovido pela escola, a ausência da estrutura dos ateliês, do convívio e das trocas de ideias em suas dependências, suscitou uma condição delicada, porém dedicada. O estado do nosso prédio esvaziado e silencioso, nos levou a reinventarmos e buscarmos, por meio digitais, no habitat de cada um, um lugar de se experimentar a arte.

A produção artística apresentada neste catálogo, é fruto desse cenário inédito, pontuado pela superação posta aos processos e procedimentos artísticos. São pesquisas iniciadas no transcorrer do curso, e aprofundadas no fluir de 2020, pelos alunos das habilitações em Artes Plásticas Bacharelado e Artes Plásticas Licenciatura. Para além de inteirar uma exposição artística/reflexiva, a produção exibida é a prova do quanto a arte se faz necessária e resistente em todos os tempos, principalmente em tempos de pandemia.

Profa. Dra. Lorena D'Arc M. Oliveira
Diretora da Escola Guignard - UEMG



PARTICIPANTES

Adriana Fonseca Araujo – 87
Adriana Iabmoto – 38
Alice Queiroz – 52
Anderson Marinho Maia – 22
Andréa Portugal – 39
Ariane Sabino – 74
Bernardo Cambraia – 30
Bernardo Limão – 75
Bia Goulart – 40
Carlos Domingos – 31
Cássia Franco – 66
Daura Maria de Paiva Zaldana – 23, 88
Débora Coimbra – 76
Denise Pires da Costa – 77
Diego Stuart – 67
Eliana Muniz – 41, 24
Esquerre Cortezzi – 13, 68
Estêvão Costa – 25
Eulampio – 42
Felipe Quadros – 69
Fernanda Kolos Galuppo – 14
Filipe Matos – 26
Flavia Teles – 43
Flávia Ventura – 78
Gabriela Clemente – 10, 92
Helena Borges – 15
Igor Assis – 79
Jemmy Aragão – 70
João Kreefft – 80
João Pedro Mendes Maciel – 81
Laura Porto – 62
Leandro Duarte – 32
Leticia Ferraz Dutra – 16, 53
Lih Parreiras – 44
Luisa Godoy – 17, 82
Maria Clara Gonçalves Amaral – 83
Maria Clara Pardini – 11
Maria Fernanda Ferreira – 84
Maria Helena Medeiros de Moraes – 85
Mariana Chiari – 18
Marília Fernandes – 27
Mayzon Tayrone – 28, 54, 71
Natasha Baur – 55
Pablo Rodrigues – 12
Paula Jardim – 29
Priscila Rezende Portugal – 56
Raquel – 72
Regina Carvalho – 93
Ricardo dos Santos Rodrigues – 45
Rogol – 33
Rômulo Rômulo – 46
Rosa Ferreira – 86
Sânzio E. P. Oliveira – 34
Sarah Becker – 57
Sarah Queiroz – 58
Tânia Di Maria – 73
Thiago Ferreira – 48
Tiago Aguiar – 47
Vera Lucia Figueiredo Duarte – 35
Viviane Rocha – 19
Zaika dos Santos – 59

HABILITAÇÕES 2020

Escola Guignard - UEMG

APRESENTAÇÃO - 3

CERÂMICA - 9

DESENHO - 21

ESCULTURA - 37

FOTOGRAFIA - 51

LITOGRAFIA - 61

PINTURA - 65

SERIGRAFIA - 91

CERÂMICA

Profa. Flávia Leme de Almeida

Gabriela Clemente
Maria Clara Pardini
Pablo Rodrigues

Profa Marcia Norie Seo

Esquerre Cortezzi
Fernanda Kolos Galuppo
Helena Borges
Leticia Ferraz Dutra
Luisa Godoy
Mariana Chiari
Viviane Rocha

GABRIELA CLEMENTE



Sensório Alimento. Cerâmica. Dimensões variadas.

Sensório Alimento é uma ação de preparar vegetais do meu cotidiano alimentar com a cerâmica e a serigrafia. Uma tentativa de acessar novas visualidades para além da sua representação simbólica. Com a cerâmica os preparos me remeteram à agricultura. Cultivei meus alimentos em moldes vegetais. Realizei uma série de ações construtivas como se estivesse demarcando áreas para plantio.

Aos poucos construo uma horta sensível. Demarcação já!

MARIA CLARA PARDINI



Do mar ao barro e Um Camarão Pré-histórico. Cerâmica. Queima com engobes e vidrados. Dimensões variadas.

Cores, formas e texturas oriundas da terra e do mar. Camadas de tintas naturais se sobrepõem como se estivessem entrando nas profundezas oceânicas, dando forma aos imaginários microrganismos e seres ancestrais. Minha pesquisa girou em torno de experimentações com engobes que foram produzidos por mim, tendo como inspiração alguns animais marinhos, resquícios da minha primeira formação em Biologia.

A obra e o artista se fundem.

PABLO RODRIGUES



Urna fúnebre. Cerâmica, vídeo, dispositivos eletrônicos. 28 x 14 x 19 cm.

O homem é produto e produtor de sua própria história e, ao fazer arte, se constrói enquanto sujeito. O movimento é de recriar o passado, transformar o presente e projetar um novo futuro através da própria ótica pessoal. Posso dizer que esse trabalho é a mescla entre algumas mitologias ameríndias, com narrativas fantasiosas e de ficção científica, acrescida do imprescindível protagonismo do autor.

A obra e o artista se fundem.

ESQUERRA CORTEZZI



Burrinho Pedrês. Instalação cerâmica. 2 x 2 m.

O artista mostra a influência do escritor João Guimarães Rosa no seu mundo e no seu fazer artístico, onde faz a ligação do primeiro conto do livro Sagarana com a nossa história recente dos rompimentos de barragens, mostrando ainda influências da arte popular em seu trabalho, principalmente da cerâmica do vale do Jequitinhonha.

Quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia (ROSA, 1946)

FERNANDA KOLOS GALUPPO



MERE TUTU AIE. Cerâmica. Dimensões variadas.

Na minha compreensão, a panela de barro vai além da matéria, a entendo como um objeto que guarda memórias e afetos. Ela é história, é cultura, é ensinamento e é além de tudo a minha conexão com os meus ancestrais. O conjunto carrega simbolismo, encanto, ritos e misticismo. MERE TUTU AIE é a força e a representatividade da minha conexão com o mundo sutil e ancestral.

"(...)Aquele objeto é muito mais do que um produto em si, possui uma imaterialidade, uma subjetividade que carrega valores simbólicos."

Célia Nunes Correa Xakriabá

HELENA BORGES



Inutilitários Ideológicos. Cerâmica. 4,5 x 22 cm Ø.

Há de ser nosso tudo que nos foi tirado. Há de ser comum, de não ter donos nem senhores. É a floresta, a terra, a água, o trabalho. A esperança. Há de retornar às mãos de quem produz, os proveitos do seu trabalho. Há de caírem os donos, um a um, pra nunca mais existir trono. Caem coroas, caem cercas, caem correntes. Há de ser tudo nosso.

"Nós somos desterrados de nossa própria terra"
Sérgio Buarque de Holanda

LETICIA FERRAZ DUTRA



Corpúsculos. Cerâmica vitrificada. 10 x 20 cm ø e 9 x 16 cm ø.

As pessoas são compostas por um universo de micro seres interiores aos que chamo de “corpúsculos” e que constituem nossas singularidades. Pensando sobre os mesmos não consigo dizer se somos nós quem os criamos ou se são eles os que nos criam. São também representações materializadas, modeladas pelo tempo, pelas emoções e intensidades. Procuro os reconhecer e compreender, como uma forma de me buscar em meio a um mar de espelhos que me devolvem diferentes perspectivas.

LUISA GODOY



Corpos que compartilham lágrimas tremem juntos. Abrigar **Cor** em corpos cerâmicos. Argila. 3 cm ø.

Na pesquisa sobre *Abrigar Cor em corpos cerâmicos*, questiona-se se corpos cerâmicos choram, suam e acolhem líquidos. Também se examina as relações entre as temperaturas de queima, as cores e os líquidos que transitam nesses corpos. Pensa-se o cerâmica como extensões de nossos corpos e desejos. Esta investigação poética foi realizada no ateliê da artista, com a generosa orientação da professora Marcia Seo, no ano de 2020/2021, na habilitação em cerâmica pela Escola Guignard/UEMG

“Toda vez que alguém chora, as lágrimas vão para algum lugar: vento, lenço, avesso das mãos, ombros do outro, face amada. Gosto especialmente das lágrimas que caem em corpos que tremem juntos.”

Corina, manuscrito, sem data

MARIANA CHIARI



In.Corpórea. Fotoperformance. Argila sobre a pele.

É no encontro da água com a terra que brota vida, e portando, onde construímos nossas habitações. Nós somos seres de borda. Foi no encontro da argila com a pele que pude encontrar abundância de sentido pro fazer cerâmico e assim fazer brotar este trabalho, que revela o corpo enquanto lugar que habito.

VIVIANE ROCHA



Raízes. Cerâmica. Queima com óxidos a 1240°. 23 x 26 x 14,5 cm.

Esse emaranhado de raízes surge para contar um pouco sobre minhas memórias. Elas se entrelaçam, se misturam e até mesmo se rompem em alguns momentos. Isso acontece como forma de representatividade e expressão. Capturas de trechos da memória funcionaram como fios condutores para dar corpo e significado a essa narrativa. Fragmentos do passado se misturam com o presente nessa pesquisa e criação.

DESENHO

Profa. Cláudia Tamm Renault

Anderson Marinho Maia
Daura Maria de Paiva Zaldana
Eliana Muniz
Estêvão Costa
Filipe Matos
Marília Fernandes
Mayzon Tayrone
Paula Jardim

Profa. Isaura Caporali Pena

Bernardo Cambraia
Carlos Domingos
Leandro Duarte
Rogol
Sânzio E. P. Oliveira
Vera Lucia Figueiredo Duarte

ANDERSON MARINHO MAIA



Anjo Negro. Desenho. Café solúvel, nanquim, guache, pigmento xadrez, pincel marcador permanente. 42 x 90 cm.

Dizem que anjos não têm sexo, nem cor. Mas certo é que quase não vemos anjos negros! Para quem acredita em anjos, podemos ver que muitos anjos negros, transmutados em crianças, são assassinados por balas perdidas! quantos ainda são e serão vítimas dessa violência brutal! Entre linhas e manchas que aparecem e desaparecem, o tempo aparece e desaparece, parecendo restar apenas o olhar da tristeza.

“O anjo negro tenta encontrar o passado, o presente e o futuro! Mas, onde está o futuro?”

DAURA MARIA DE PAIVA ZALDANA



Piso este chão com respeito. Colagem. Monotipia e nanquim. 100 x 120 cm.

Explorar o espaço e ver o invisível ao olhar corriqueiro. Ao olhar o chão percebe as várias possibilidades de leitura da realidade. A consciência desperta no exercício de sentir, percebe com acuidade o imperceptível ao rotineiro. Identifica as pegadas que deixa. Na delicadeza da vida que brota frágil, nos pequenos ruídos, tudo está vivo. Ser presente e consciente, ver onde os pés tocaram a terra.

Ao olhar atento o invisível se revela.

ELIANA MUNIZ



Albatroz. Dermatográfico sobre placa. 132 x 175 cm.

O trabalho é uma releitura do poema Navio Negreiro de Castro Alves. As formas feitas com a escrita sobrepostas dos versos do poema criaram ritmos entre o silêncio e a contenção dos gestos. É tanto desenho quanto uma tentativa de transpor a realidade dura e cruel da vida.

A dança para a distração dos algozes e a força para enfrentar as adversidades.

ESTÊVÃO COSTA



Interlúdio VI. Nanquim e aquarela sobre papel. 29,7 x 42 cm.

A narrativa que busco evidenciar com o desenho, está intrinsecamente associada à memória. A síntese dos elementos potencializa o espaço, enfatizando a lembrança e o passado na ausência das formas representadas no papel. O espaço não ocupado, o vazio, permite a inserção da contemplação e do desenvolvimento de uma narrativa pessoal que não fica limitada a uma interpretação irrefutável.

“O desejo de resgatar as memórias, de inseri-las inertes no papel é consequência direta dos momentos compartilhados junto aos que me são tão estimados.”

FILIFE MATOS



Mas eu nunca fui. Desenho, antisséptico Iodopolividona 10%, antibiótico Rifamicina SV Sódica, antisséptico Tintura de Iodo 2%, antisséptico Violeta Genciana 1%, nanquim, gaze, esparadrão, aquarela, carvão, grafite e giz pastel seco sobre papel. 70 x 61 cm.

O trabalho se constitui em um processo artístico de desenho, e aborda questões sobre a psicossomatização causada por problemas como ansiedade, hipocondria e depressão. Refletindo sobre o corpo humano e o papel, é possível fazer projeções de nossa estrutura física nesse material inanimado – ele enrugado, contra fungos e se decompõe. O papel contém características que se aproximam das manifestações físicas do corpo, que envelhece, adoce, enrugado e, por fim, morre.

O papel é como o corpo: envelhece, enrugado, conta histórias e, por fim, morre.

MARÍLIA FERNANDES

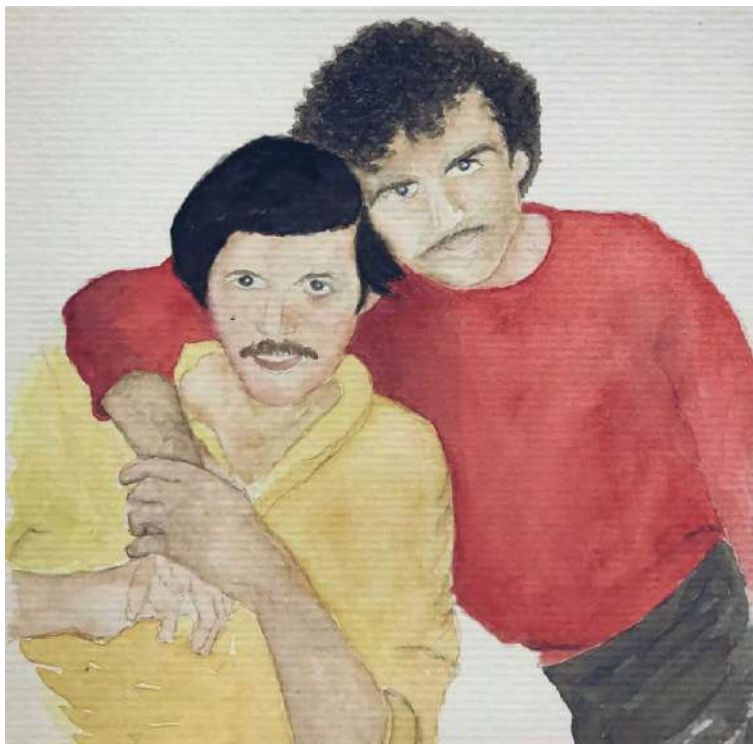


Série Dispersão. Desenho. Nanquim sobre saquinho de chá. 6,5 x 4 cm.

No processo de habilitação desenvolvi uma linguagem poética visual abordando como tema as flores do meu caminho e utilizando o desenho como forma de expressão artística. Na elaboração do trabalho uní o fazer botânico de coletar plantas ao ofício de arte, aquele trabalho que surge espontâneo, livre. Na série Dispersão o suporte que utilizo para os desenhos de sementes são saquinhos de chá usados.

“Olhar por onde passo, por onde caminho, pelo que está ao meu redor, assim é feita a construção do meu processo de arte. Os olhos se focam e dão ênfase aos elementos naturais.”

MAYZON TAYRONE



In Momentum. Desenho aquarela. 15 x 21 cm.

O trabalho apresenta uma narrativa criada a partir do desenho em aquarela de imagens fotográficas (1970-1990), que apontam realidades vividas de jovens homossexuais, trazendo à tona a discussão sobre o HIV e a AIDS. Dessa maneira, ao se retomar o passado, estabelecem-se relações no presente por meio do desenho.

“Para descrever as nuvens, eu necessitaria ser muito rápida – numa fração de segundo deixam de ser estas, tornam-se outras. Sem o peso de nenhuma lembrança, flutuam sem esforço os fatos.”

Nuvens, Wislawa Szymborska, 2002

PAULA JARDIM



Placa tombada. De Porteirinha a Monte Azul. Três árvores. O poste. Guache sobre papel. 24 x 32 cm cada.

Desenhos de paisagem: uma viagem de carro ao interior da Bahia é o meu processo de produção de uma série de 15 desenhos feitos a partir de registros de fotografias tiradas ao longo de uma viagem de carro de Belo Horizonte ao interior da Bahia, atravessando o norte de Minas Gerais. É uma amostra da minha vivência e reflexão sobre a necessidade de se compreender as questões da paisagem como um espaço do sentir e da experiência estética.

A paisagem passa a existir a partir do momento em que a percebemos como paisagem

BERNARDO CAMBRAIA



Sem Título. Nanquim, galho de árvore. 44 x 67 cm.



Sem Título. Técnica mista. Nanquim, carvão vegetal. 24 x 32 cm.

Estes trabalhos fazem parte da pesquisa da Habilitação de Desenho, onde propus explorar questões sobre a natureza e a geometria. No decorrer deste período, houve a oportunidade de refletir sobre o que há de natureza em nós e ao nosso redor. Através da pesquisa sobre a geometria, pude perceber que nós, seres humanos, estamos conectados com as leis naturais.

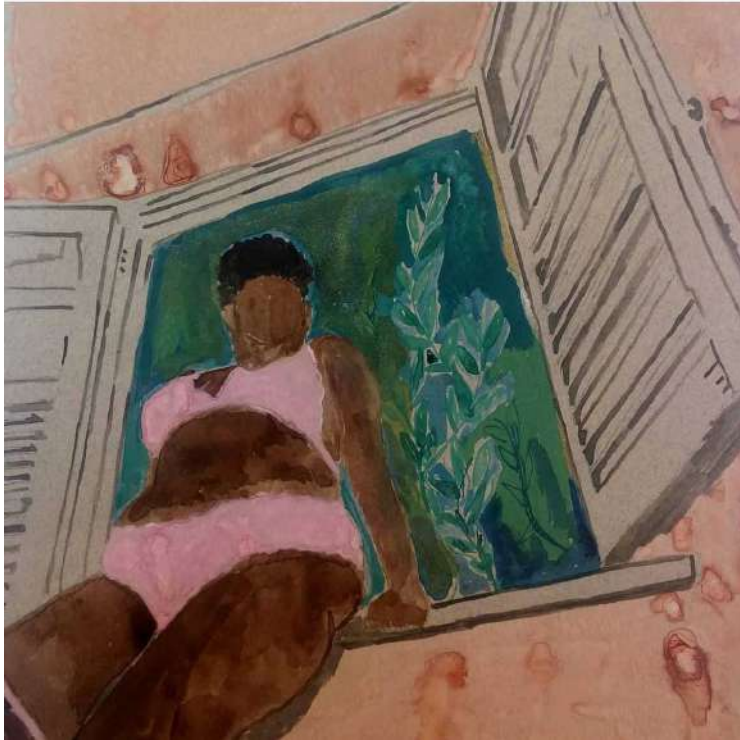
CARLOS DOMINGOS



Solido orgânico I. Desenho. Grafite sobre papel. 150 x 100 cm.

Desenhar para mim é um prazer imensurável. Ver surgir uma ideia é como uma semente brotando, uma centelha divina, uma inspiração. Dedico-me a riscos e riscos, linhas e linhas, texturas e texturas. Minhas últimas palavras é um arremate final de grafite sobre papel. Estes traços tem um objetivo, um desejo: expressar uma determinação, buscar um simbolismo próprio e ter a liberdade em todos os sentidos. Este prazer é o centro da própria inspiração – transmiti-lo é o objetivo.

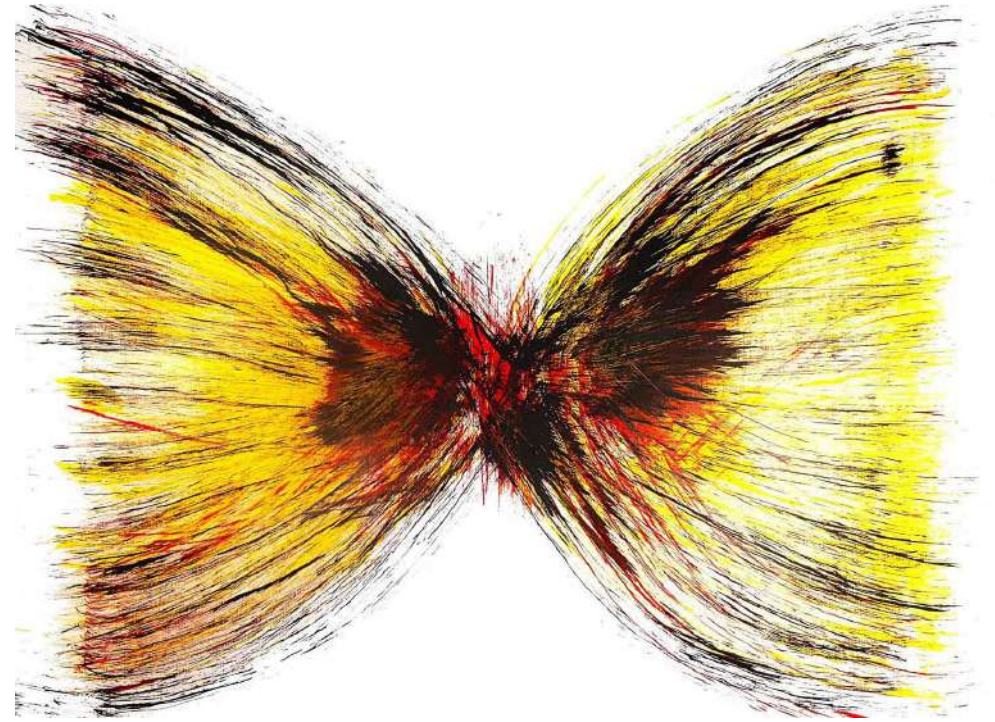
LEANDRO DUARTE



Onibaje. Aguada de nanquim. 21 x 29,7 cm.

A serie de desenho, Onibaje traz uma narrativa referente à estética do corpo negro sua sensualidade e diversidade tendo como pauta a memória afetiva. Utilizando como composição elementos da natureza, o sincretismo africano e indígena.

ROGOL



Sem Título. Nanquim em bico de pena, papel sintético branco. 66 x 48 cm.

Coloridas e frágeis: a incontestável beleza das borboletas. Flutuando e bailando no vento. Encantando e maravilhando quem lhes cruza o caminho. Inicialmente retratando e representando borboletas, a execução dos desenhos evoluiu para formas conceituais e abstratas, transmutando e metamorfoseando como as borboletas. A experimentação foi a tônica desta habilitação.

Este trabalho é parte do conjunto de desenhos sobre borboletas realizados na habilitação em Desenho.

Instagram: @rogolbhmg

SÂNZIO E. P. OLIVEIRA



Frutificação. Lápis de cor sobre papel. Detalhe. 150 x 150 cm.

Nos dias marcados pelo isolamento social advindo da pandemia causada pelo coronavírus, segui em busca do caráter experimental e experiencial do desenho de observação, ao acompanhar o desenvolvimento e a frutificação de uma árvore que cresceu junto a mim e junto ao desenho de árvore.

VERA LUCIA FIGUEIREDO DUARTE



Cores. Lápis grafite e lápis aquarelado sobre papel. 150 x 110 cm.

O conjunto de trabalhos desenvolvidos foi uma pesquisa em desenho sobre a representação de flores. Diz respeito a desenhos geradores de memórias afetivas, ligadas à minha visão do ser humano a partir da experiência que vivi em minha infância. Esse processo me proporcionou adentrar em um território inerente em mim. O meu interesse foi exteriorizar o que estava no meu interior.

ESCULTURA

Prof. Renato Madureira

Adriana Iabmoto
Andréa Portugal
Bia Goulart
Eliana Muniz
Eulampio
Flavia Teles
Lih Parreiras
Ricardo dos Santos Rodrigues
Rômulo Rômulo
Tiago Aguiar
Thiago Ferreira

ADRIANA IABMOTO



Rengue. Escultura. Resina pigmentada. 96 x 62 cm.

“Sutileza ondulante de um movimento fluido, leve, delicado...como uma flor de lótus, emergindo às águas calmas suas sinuosas pétalas brancas e iluminadas, para o cenário da geometria sagrada da natureza.”

“...emersão, transformação, iluminação.”

ANDRÉA PORTUGAL



VERMELHA NAS NUVENS. Escultura. Gesso, cola, pigmento, tecido e espuma. 91 x 95 x 46 cm.

Adicionar uma forma esculpida à um objeto do cotidiano provoca um estranhamento onde o objeto familiar ocupa um novo lugar e a forma modelada traz uma nova interação e juntos deixam de ser dois separados para se transformar em um. Duas materialidades opostas que se unem em uma nova materialidade do objeto criado.

Quando um encontro desloca o seu Lugar.

BIA GOULART



Máscaras, por um fio. Escultura. Papel Hamumille, Satin, 300 grs., fio e prego. 15 x 20 x 5 cm.

Máscaras, por um fio: Elas marcaram nossa história. Passaram a ser parte da rotina de medo. Taparam nossas bocas. Mantiveram contidas dores. Suspenderam os abraços. Paralisaram os corpos. Silenciaram gemidos, gritos e sussurros, deste tempo violento de isolamento social. “Máscaras, por um fio” nasce dessa experiência histórica de dor, no Brasil e no mundo. São um recorte inerte, cheias de uma potência do ausente. E nos recordam que a vida urge, pois o mais belo dela está, sempre, por um fio. *Bia Goulart é jornalista e escritora. No campo da arte, sua pesquisa tem foco no equilíbrio e na arteterapia, como possibilidade de resgate da essência feminina.

“O processo é terapêutico. Com ele vamos abandonando excessos, tensões. Revela o essencial. Indica caminhos futuros. Possibilidades. Treina o olhar, para ver e nutrir-se com o que se vê. Resgata latências da infância. Um convite para contemplar o efêmero da vida, da arte e de nós mesmos. Todos, por um fio”. (Bia Goulart/2021)

ELIANA MUNIZ



Sem Título. Objeto. Vergalhões e chapas de ferro. 102 x 56 x 6 cm.

O meu processo na disciplina de escultura na Escola Guignard-UEMG, começou com a elaboração de matérias para obter conhecimento em tridimensionalidade. No trabalho apresentado, um relevo de parede medindo 102 x 56 x 6 centímetros, construído por aglomeração de vergalhões, perfis e chapas metálicas com bitolas diferenciadas em estado de oxidação foram ligados por soldaduras aparentes. Na linguagem plástica, o objeto atribui peso e movimento com referência diretamente ligada ao material escolhido.

EULAMPIO



Carcaça. Suporte metálico, tela de estuque, cimento, lã de vidro e papel. 160 x 120 x 60 cm.

Com o olhar sobre cotidianos urbanos imperceptíveis, a carcaça é um registro das relações de dominação entre o natural e o construído. Ao ser retirado do seu contexto, o movimento é materializado e estático.

O reto faz a curva, o rígido vira fluido e a unidade é o corpo.

FLAVIA TELES



As partes que me faltam. Gesso, papel alumínio, meias calças em elastano e arrastão, tiras de feltro, fibra siliconada, flocos de algodão, boneca de plástico. 170 x 80 x 25 cm.

As partes que me faltam, dão corpo a um ser. Busco intimamente lembranças da infância e adolescência que me servem de munições para o fazer. Nem sempre memórias claras, mas sentimentos que acesso ao voltar neste tempo e lugar. Corpo, relações parentais, identidade, angústias e anseios. Abandono e conexão, autonomia e dependência. Aspectos emocionais e subjetivos do ser, testemunho das maneiras pelas quais um indivíduo se restaura e estrutura.

O interno se revela na reconstituição e reparação do ser

LIH PARREIRAS



Sem título. Escultura. Galhos envernizados, cabo de aço e linha de crochê. 14 x 251 x 236 cm.

Galhos que foram coletados pelos caminhos percorridos são unidos pela costura e pelo crochê. Juntos, em círculo, numa harmonia plena, representando a natureza cíclica da existência e a infinitude. A natureza tortuosa dos galhos demonstram a aceitação da imperfeição. Na forma de mandala, representam a busca do inconsciente pela unidade e a totalidade, na tentativa de consolidar o ser interior.

O círculo é a representação do esclarecimento, da iluminação, do visível e do invisível, da plenitude absoluta do vazio. É simplicidade, plenitude, infinitude e harmonia.

RICARDO DOS SANTOS RODRIGUES

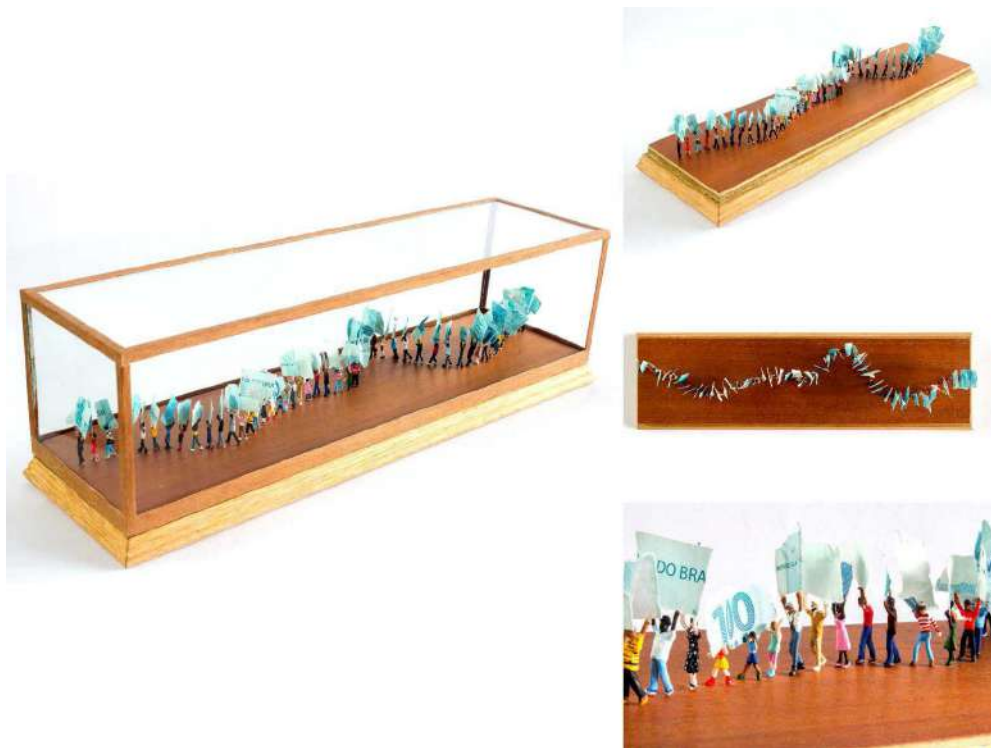


Pêndulo. Escultura. Ossos de animais, parafina, sisal, cabelo sintético e conchas. 105 x 28 x 15 cm.

A ascendência culmina em símbolos que estreitam as geografias e aflora a percepção plástica dos signos esta natureza aglutinadora solidifica a memória se torna amálgama que reúnem os elementos, a mixórdia na matéria indaga sobre o enlace poético caótico e filosófico, a beleza na arte erudita, pagã primitiva, no paradoxo entre a vida e a morte na reminiscência do ser.

A subjetividade da matéria e os aspectos peculiares dos símbolos não se prendem a simetria ordenada da figura para se materializar e se sustentar no espaço, ela dialoga com a temporalidade do ser e a permanência da memória.

RÔMULO RÔMULO



Paradoxo de Atlas. Escultura. Materiais diversos. 11,9 x 10,7 x 40,8 cm.

(...) O que carregam é a busca individual e ao mesmo tempo coletiva de cada um. A atual e constante busca por suas vontades e necessidades, medos e sonhos. Entre outras coisas, o que as pessoas carregam dentro e fora do relicário pode ser esperança em fragmentos reduzidos e divididos entre elas na linearidade tortuosa de um mesmo caminho.

TIAGO AGUIAR



Ação de Edificar Passagem. Empilhamento de tijolos. Tijolo, areia. 4 e 3/4 x 8 e 3/4 palmos.

Portal Abralas. Construção. Adobe e barro. 6,5 x 9 palmos.

O emprego do trabalho e tempo no espaço convertem o espaço em lugar. O Ritual transmuta o lugar em Lugar. A ação de edificar um portal instaura um limiar ao mesmo tempo aberto e fechado, que embora extremamente simples, ao evocar uma transição, funda o primeiro segmento de um labirinto.

O portal é uma área interna, que une e cria duas áreas externas. A partir de si funda uma fronteira e uma passagem.

THIAGO FERREIRA



Ponto de equilíbrio. Escultura. Gesso e argila. 40 x 15 x 25 cm.

O vazio questionado pelo total balanço da peça que se debruça no ar. Inerte, compensa o equilíbrio que o corpo não possui naquilo que é irreal. A rigidez do material se sobressai preenchendo a lacuna que a forma não possui. Uma espada de Dâmocles, representada pela própria existência que se apoia no mundo e em que o mundo se apoia mutuamente. Composta de todas as suas incertezas como a psique humana e a própria vida.

A fragilidade da consciência representada pelo equilíbrio da forma que se sustenta em verdades variáveis.

FOTOGRAFIA

Prof. Tibério Franca

Alice Queiroz
Leticia Ferraz Dutra
Mayzon Tayrone
Natasha Baur
Priscila Rezende Portugal
Sarah Becker
Sarah Queiroz
Zaika dos Santos

ALICE QUEIROZ



Paisagem em mutação. Fotografia digital. Fotolivro.

Pesquisa crítica e estética do contexto urbano de Belo Horizonte materializada em um fotolivro. Busca encontrar beleza na paisagem, tornando visíveis alguns aspectos culturais ao testemunhar padrões de verticalização e exclusão. Transformando em imagem as mudanças do tempo, do espaço e as sensações da cidade, o trabalho permite uma visão inédita da capital que se agrega à experiência de quem lê.

LETÍCIA FERRAZ DUTRA



Amálgama. Fotografia digital.

Amálgama é composta, sólido e líquido juntos. Camadas de mim, do outro, daquilo e do todo. Compõe uma série de fotografias baseadas no paralelo entre o processo de decantação -que consiste na separação por inércia - e minha construção individual.

A investigação do “corpo em repouso” se iniciou durante o isolamento e revela desdobramentos da separação de estados emocionais e suas reverberações durante este confuso e insólito momento.

MAYZON TAYRONE

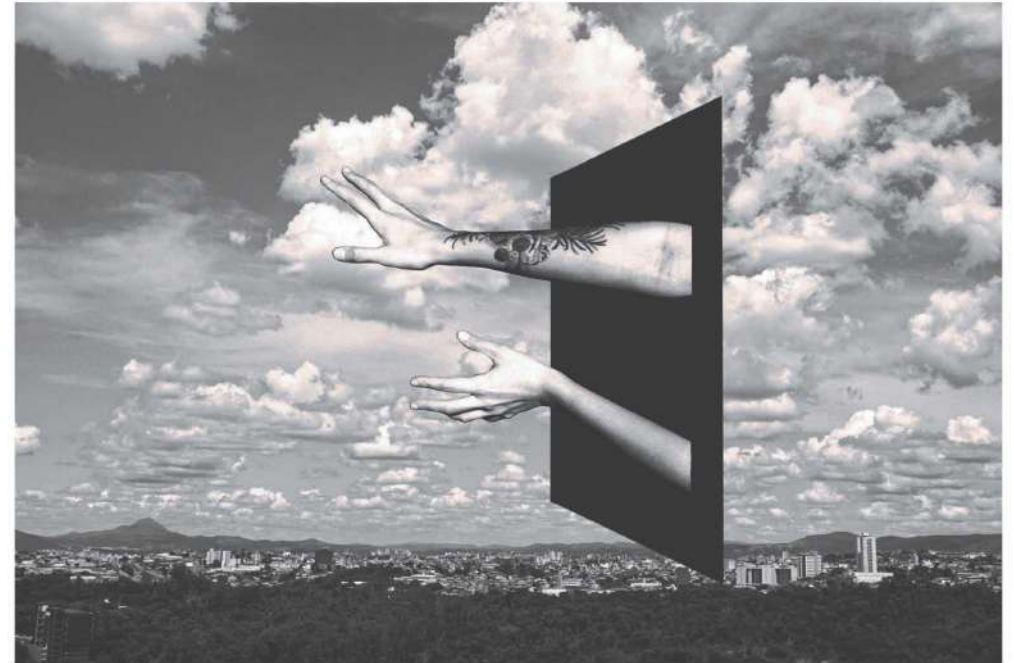


In Memoriam. Fotografia. Foto livro. 20 x 25 cm.

Os ensaios fotográficos em análise se configuram por autorretratos desenvolvidos entre 2016-2020, e apontam a fragilidade do corpo com o ambiente físico ao redor. O trabalho é constituído de um diário visual (livro fotográfico), diários escritos e narrativas sobre a intimidade e resgate da memória – rastros autobiográficos.

“Comparada com as nuvens, a vida parece muito sólida, quase perene, praticamente eterna.”
Nuvens, Wislawa Szymborska, 2002

NATASHA BAUR



Afeto Distante. Fotografia. Cartão postal, papel supremo 300 grs., 10 x 15 cm.

“DOIS MIL E VINTE: As vivências ou dificuldades da comunidade LGBT durante a pandemia do COVID-19” é um projeto que foi pautado em reflexões acerca dos impactos da pandemia, com foco nas vivências da comunidade LGBT. Através de relatos direcionados a mim, construí uma narrativa imagética, utilizando da vastidão restrita do meu próprio casulo para retratá-las.

bit.ly/NatashaBaur

PRISCILA REZENDE PORTUGAL



BASURA: Para onde vamos? ou Onde vamos parar? Fotografia digital. Fanzine formato A3.

O trabalho aqui presente tem como objetivo refletir os efeitos do consumo durante a pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2, o descarte e a invisibilidade. As fotografias foram realizadas durante o período de isolamento social em atividades da rotina da autora como corridas, caminhadas ao ar livre e passeios com cachorros ou saídas a pé. Para acompanhar mais: [instagram/@prirezende](https://www.instagram.com/prirezende)

"Não há consumo sem consciência social"
Oliviero Toscani, 1996

SARAH BECKER



Cumulus Absurdus JPG 1 e JPG 2. Fotografia digital.

"Cumulus Absurdus" um trabalho realizado em 2020/21, centrado na crítica do cotidiano confinado as telas. O quanto moldamos nossa figura para encaixar nossa imagem em um padrão ideal de reprodução? O show de espetáculos da vida, exacerbado pela quarentena, se acumulam como nuvens em um dia nublado, sobre nossas cabeças se condensa a fumaça da representação. O que somos nos num mundo que já não é mais tão físico? Um avatar da mesmo conta de abordar toda a sutileza da vida?

SARAH QUEIROZ



Isolad-X. Fotografia digital. Game virtual.

Nesse meu trabalho, apresento um jogo sem perdedores nem ganhadores, um “gerador de histórias”. Nesse trabalho faço o suficiente para chegar com força naqueles que jogam e que se vejam nos meus relatos.

“Agora me diz: como passar sensações numa só mídia?
(...) O mundo dos games me deu exatamente o que eu queria”

ZAIKA DOS SANTOS



A Guerra das Narrativas. Fotografia Digital.

Afropresentismo, Afrofuturismo e as novas memórias utópicas através das cartografias urbanas, que se consolidam no cruzamento de ficções que tensionam os debates da realidade, na recuperação de memórias do apagamento construídas nos testemunhos históricos. A primeira série de micro-histórias em cenas é sobre Carolina de Jesus e Maria (nomeada pejorativamente como Maria Papuda).

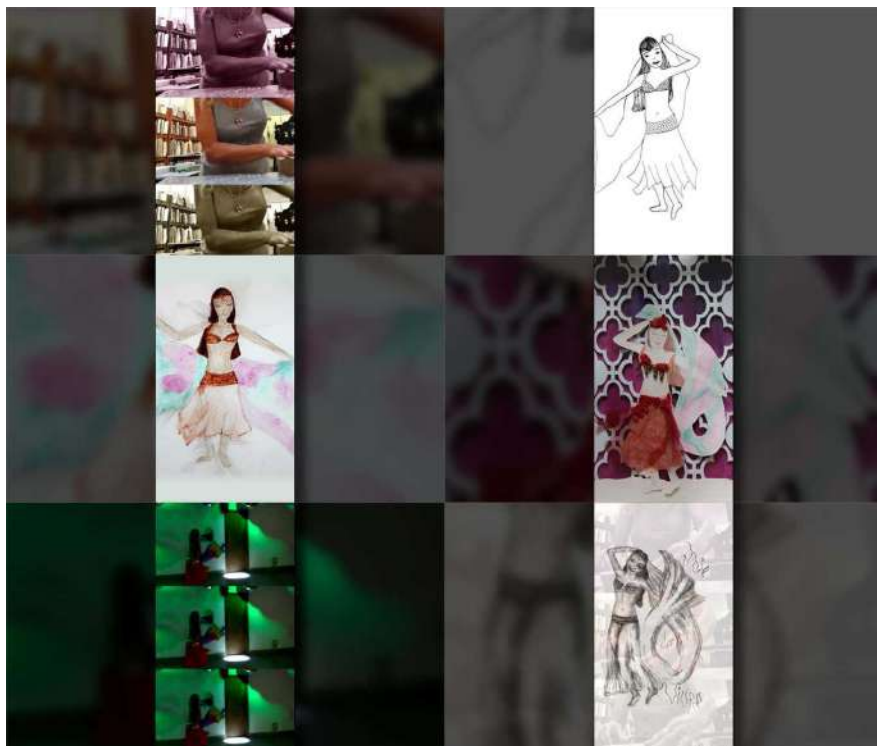
Melanina URBE

LITOGRAFIA

Profa. Nara Firme

Laura Porto

LAURA PORTO



Reverberar: A alegria de viver. Videoarte. 1,59 s, animação em stop motion, 24 fps.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thIraFXhxRY>

A obra é fruto da mesclagem de fragmentos de aprendizagens vivenciadas a partir da litogravura 'Joie de vivre' de 2018, buscou-se a colagem digital em video arte com a integração das linguagens artísticas: desenho, aquarela, pintura, composição de figurino e fotografia. Assim, da pedra, do concreto transmuta-se pela ação para o diáfano, para o digital, para o intangível.

Com o som, a ação e a alegria reverberam infinitamente.

PINTURA

Profa. Louise Ganz

Cássia Franco
Diego Stuart
Esquerre Cortezzi
Felipe Quadros
Jemmy Aragão
Mayzon Tayrone
Raquel
Tânia Di Maria

Prof. Sebastião Miguel

Ariane Sabino
Bernardo Limão
Débora Coimbra
Denise Pires da Costa
Flávia Ventura
Igor Assis
João Kreeft
João Pedro Mendes Maciel
Luisa Godoy
Maria Clara Gonçalves Amaral
Maria Fernanda Ferreira
Maria Helena Medeiros de Moraes
Rosa Ferreira

Profa. Thereza Portes

Adriana Fonseca Araujo
Daura Maria de Paiva Zaldana

CÁSSIA FRANCO



Agropecuária/gado de corte. Acrílica sobre tela. 80 x 100 cm.

Partindo da escrita de três cartas, trago minha pesquisa na artesanania da pintura, como se dá o processo direto da ação do artista com o material. Assim por escolha afetiva, a visualidade das obras de Giotto, Vuillard, Peter Doig... e suas faturas dialogam com minha prática. Apresento meus diálogos pictóricos das paisagens típicas de infância e as pinturas de paisagens cana-de-açúcar, agropecuária/gado de corte e seringueira/borracha no território de agora.

DIEGO STUART



(Re)(des)construído. Óleo sobre tela. 150 x 100 cm.

(Re)(des)construído é resultado da imersão feita em minha própria história enquanto homem, heterossexual, socialmente privilegiado, historicamente constituído. Este trabalho almeja ser um despir de conceitos e ideias formadas sem meu consentimento, mas que afetam minha existência. Ao me abraçar, me aceito como sou, me perdooo pelo passado e me permito seguir em constante redesconstrução.

ESQUERRA CORTEZZI



A disputa do Violeiro e o Diabo. Óleo sobre tela. 80 x 100 cm.

O trabalho do artista traz para as artes plásticas a poesia da música caipira e das fábulas sertanejas na busca de manter vivo e tornar concreto um mundo de personagens metafísicos, amores puros e o cotidiano do homem do campo.

É que a viola fala alto no meu peito humano (BOLDRIN, 1981)

FELLIPE QUADROS



Universo Espiral. Acrílica sobre tela. 120 x 80 cm.

Esse trabalho diz sobre a pintura enquanto ferramenta de acesso ao subconsciente e expressão de outras dimensões, que permitem a transformação do ser e através da arte criar novas relações com o universo e a natureza em função de uma evolução cósmica e coletiva.

Pintura, autoconhecimento, arte visionária e psicodelia

JEMMY ARAGÃO



Ritalina. Acrílica sobre tela. 100 x 100 cm.

Rotina é uma série de cinco pinturas e colagens que cria uma narrativa pessoal a partir do uso de medicamentos e seus horários, no meu dia a dia. O trabalho traz à tona questões sobre a fragilidade e a brevidade das coisas.

MAYZON TAYRONE



In absentia. Óleo sobre tela. 30 x 20 cm.

O trabalho é constituído de fragmentos de diários pessoais, escritos entre 2016-2020. As pinturas apresentam personagens equivalentes a algum outro objeto: silhuetas, narrativas e o deslocamento de formas. A narrativa das pinturas está centrada no misterioso e aporta um ponto de vista sobre o corpo.

“Mantenho o tempo como uma sentinela tão sensível
Só para sentir o estado em que me encontro: preso à escuridão.”

RAQIEL



27otakemeaway420. Acrílico e óleo sobre MDF. 57 x 45 cm.

As mãos, as tecnologias e as falhas, compõem uma série de três pinturas. Estas são determinadas pela técnica de pincelada livre, juntamente com elementos de pixel art. Esta série possui predomínio de cores saturadas influenciadas por gráficos de bordados em ponto cruz, bem como os pixels dos videogames dos anos 90 e pela estética do erro da glitch art. As pinturas referidas possuem como elemento principal as mãos, que utilizam gestos, sentimentos e ações para expressar uma turbulência interna.

TÂNIA DI MARIA



A Cor do Abismo. Óleo sobre tela. 60 x 100 cm.

Pesquisando diversos artistas e sentimentos ligados a cor preta, encontrei nas obras de Francisco de Goya, William Blake, Phil Hale e Bruno de Mayo as referências principais para meu trabalho pictórico, desdobrando-o em questões políticas e culturais relacionadas a cor.

ARIANE SABINO



Pintura Relacional 5- Conexões. Acrílica sobre tela. 80 x 1, 50 cm.

PINTURAS RELACIONAIS - O presente trabalho compartilha uma experiência vivida pelo licenciando-artista-docente na busca de algo que revelasse sua ligação real com a arte no período de isolamento social imposto pelos órgãos de saúde desde março de 2020. A artista busca se conhecer a partir de uma experimentação inicial advinda da pintura. Busca também conhecer e interpretar o outro a partir das pinturas relacionais construídas ao longo do isolamento social. Nasce então a oportunidade de reexaminar, reconfigurar e reescrever sua história antes incompreendidas ou invisíveis.

BERNARDO LIMÃO



Descanso I. Óleo sobre tela. 70 x 50 cm.



Descanso II. Óleo sobre tela. 70 x 50 cm.

O MOVIMENTO DE UM CORPO INERTE - O desenvolvimento do trabalho vem de longa data, apresentando o corpo como o centro da pesquisa, sendo um desenvolvimento pictórico ou atrelado à utilização de matérias orgânicas no processo. Com a inquietude e a constante mudança no meio onde vivemos, surgiu a incorporação de uma representação do movimento, que será retratado desde o primeiro momento da criação das obras. A escolha do tema dá-se a possibilidade de representar e responder ao momento em que vivemos, onde estamos nos mantendo em isolamento social, devido à pandemia que nos assola. A falta de ânimo, a preguiça, as atividades caseiras e rotineiras, nos tornaram seres mais estagnados. Mantendo sempre em vista a representação do movimento através do corpo humano e sua representatividade desfocada, utilizando assim a incorporação e observação de registros fotográficos, tais que possuem uma captura de um instante de movimento. A ideia é trabalhar representando o corpo em movimento, mas sem se preocupar em obter uma alta definição de detalhes e formas, trabalhando assim uma representação do movimento com a sobreposição de figuras e fotografias, gerando assim a ideia de movimento, mesmo que sejam mínimos.

DÉBORA COIMBRA



@ddcoimbra

Débora Coimbra é artista plástica, performer e musicista. Utilizando a multilinguagem na pintura digital, aproxima o público em exposições virtuais através da internet com a criação de filtros no instagram pela artista. Um trabalho de pintura que também é multimídia, cuja interatividade é medida nas métricas de dados e análise das plataformas digitais.

DENISE PIRES DA COSTA



O Azul cobre Flores. Acrilica sobre tela. 60 x 40 cm.



O Azul Cobre Dúvidas. Acrilica sobre tela. 70 x 40 cm.

A série O Azul Tudo Cobre, Trata-se da prática artística cuja ação consiste em eleger uma obra que receberá sobre si uma velatura azul. O que se propõe é uma ação mútua entre a obra original e o matiz de azul escolhido, sem intenção de encobrir a obra base, mas sim de fazer brotar uma outra dimensão, uma multiplicidade, uma interação que leve a novas e inusitadas interpretações na velatura da superfície

Denise Pires da Costa - Belo Horizonte. Busca quebrar com o formalismo e regramentos dados, contrapondo assim com a experiência na sua área profissional.

FLÁVIA VENTURA



Desenho em movimento. Videoperformance com participação do artista Ítalo Augusto. Látex acrílica sobre tela. 160 x 160 cm.

O AMOR COMO PRÁTICA ARTÍSTICA - A pesquisa parte de uma investigação sobre o movimento enquanto ferramenta de transformação e reflete sobre o corpo como agente de mudança. Em um sistema que induz os corpos à paralisação, à comodidade e ao cansaço, o corpo que se move é um corpo que desobedece. Por meio de uma abordagem poética, movimento transforma-se em celebração de vida, reverberando na urgência do amor enquanto ação para a concepção de novas realidades individuais e coletivas.

Flávia Ventura (Belo Horizonte, 1991)- Graduada em Design de Moda com formação complementar em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes (UFMG), transporta seu interesse pelo estudo do corpo para a graduação em Artes Plásticas com Habilitação em Pintura, abordando-o pela ótica feminista por meio do hibridismo de linguagens.

o ____ corpo ____ que ____ ama ____ é ____ um ____ corpo ____ que ____ desobedece

IGOR ASSIS



Saira Sapucaia. Aquarela sobre papel. 26 x 34 cm

Artista, amante da vida natural, sobretudo da sua terra natal, sobrevivente das tragédias de incêndios e rompimento de barragens que apagam as paisagens vivas da Mata Atlântica e Cerrado das Minas Gerais, acredita no poder reparador e transformador da arte e utiliza a pintura em diálogo com diversas outras linguagens poéticas – música, literatura, performance - na construção da consciência coletiva no que diz respeito à conservação da biodiversidade, cultura e fazer artístico dos povos nativos desses locais em destruição.

JOÃO KREEFFT



Retratos digitais, o virtual e a cidade. Sobre pessoas e imagens. Pintura digital. Tamanhos variados.

João KREEFFT - Jovem pintor multimídia de Belo Horizonte, graduando em Artes Plásticas pela Escola Guignard. Trabalha com óleo, acrílica e softwares digitais misturando figuração, abstração e iconografias contemporâneas. Usa das características da matéria para gerar discussões e questionamentos sobre a realidade do séc 21 em diante.

>.<TT<TT<3 (-.-)'>.<TT<TT<3 (-.-)'>.<TT<TT<3 (-.-)'>.<TT<TT<3 (-.-)'

JOÃO PEDRO MENDES MACIEL



Psicostasia. Técnica mista. 126 x 200 cm.

Homem decapitado. Técnica mista. 60 x 90 cm.

3MΦ31 - Pinturas relacionadas à minha juventude durante o século XXI, meus dilemas, vícios, sexualidade, minha vida urbana secular, bem como meus hábitos, costumes, formas de me colocar socialmente e pluralidades. As questões existenciais constituem o cerne do trabalho, trazendo elementos e referências da cultura de rua que por sua vez é invisibilizada em espaços artísticos tidos como de 'alta cultura'. A união entre referências urbanas, digitais, clássicas e contemporâneas, pós inclusão digital e durante a crise sanitária me impôs o desafio de desenvolver um Trabalho com uma estética inovadora e muito reveladora a respeito da minha intimidade e meus sofrimentos. Este projeto foi uma oportunidade de produzir uma obra concisa e coerente ao que vivo e proponho. Tratando de temas que são cotidianos, íntimos e às vezes secretos de um artista de Belo Horizonte, uma cidade tradicional, ecológica e globalizada.

LUISA GODOY



Esconde. Copos de vidro e plástico, cubos de madeira pintados com têmpera.

Na pesquisa A aparição da cor, experimenta-se misturas de cor, considerando outros estados da matéria, pensando a pintura como alquimia. Esta investigação poética foi realizada no ateliê da artista, sob orientação do professor Sebastião Miguel, no ano de 2020/2021, na habilitação em pintura pela Escola Guignard/UEMG.

Que cor é essa? Você consegue ver? Ela está mudando a cor da outra cor?

MARIA CLARA GONÇALVES AMARAL CLARIKA



A Fazendeira. Óleo sobre tela. 100 x 70 cm.

Do processo de encontrar a técnica ideal para cada estado de espírito, saúde, humor etc., dos quais me encontrava, fui aceitando a minha condição de artista e fiz da vida o meu tema principal. Não minha vida em particular, mas sim a que estamos experienciando enquanto humanos. Cada representação funciona como parte de uma realidade pictórica de um mundo sub estruturado em dualidades.

MARIA FERNANDA FERREIRA



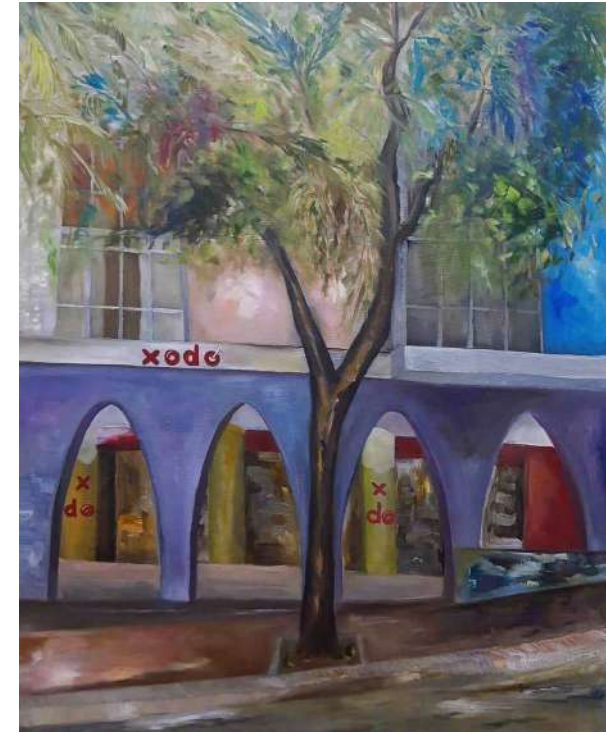
Fotos performance - Marina Cunha

Da Coisa

O trabalho de Maria Helena Medeiros relaciona-se ao ato de caminhar em um espaço, notadamente o urbano. A partir dessa ação-movimento, são captadas imagens que interessam à artista, por meio de fotografias feitas livremente durante o trajeto. Tais registros são cuidadosamente recolhidos, para, então, realizar-se um desenho de estudo, feito a lápis ou aquarela. Em seguida, amplia-se esse primeiro estudo, passando-o para a tela, com desenho de carvão. Finalmente, é feita a pintura com tinta a óleo.

“...a destruição também é criação.”
Um lema Dadaísta

MARIA HELENA MEDEIROS DE MORAES



Xodó, no início da Avenida João Pinheiro. Óleo sobre tela. 95 x 70 cm.

Maria Helena Medeiros tem formação em Direito e estuda Artes Plásticas desde 2017. O processo de criação começa, para ela, a partir de duas ações: caminhar e olhar. É com base no espaço físico que a circunda que se originam seus trabalhos. O seu contato com a arte e com o fazer artístico vem desde sempre, assim como a escolha ser uma mulher livre e com os caminhos em aberto.

ROSA FERREIRA



Enquanto Espero I. Óleo, acrílica e guache sobre tela. 88 x 78 cm.

“Enquanto Espero I “ fala de um tempo de espera angustiante, um estar em um mundo estranho, onde obstáculos a serem transpostos permeiam todo o caminho de espera, fazendo vir à tona reflexões e sentimentos de pertencimento e responsabilidades individuais e coletivas, determinando os limites de cada um e seu lugar no mundo. A artista faz uso da pintura chapada, colorida, delimitada. Encontrou no excesso de tinta sua forma de trabalhar a cor, que define muito do que acontece na tela: misturas, camadas, experiências. A substância matérica da tinta tem muita força, ampliada pelas marcas deixadas pela espátula. A tinta, que sai direto do tubo para a tela, deixa marcado nela a grande necessidade de alcançar o equilíbrio: cores, formas, peso, a espera, o caminho, o fazer, o contribuir, o mudar. Rosa Ferreira é graduanda em Artes Plásticas pela Escola Guignard, em Belo Horizonte-MG, onde vive e trabalha

Misturo-me à tinta, somos um. Mente, corpo e cor, buscando o seu falar, o seu sentir, o seu existir.

ADRIANA FONSECA ARAUJO



Arte e vida. Acrílico sobre tela. 50 x 70 cm.

O meu trabalho apresenta o vazio dos espaços públicos da cidade de Belo Horizonte em meio à pandemia. A ideia consiste numa reflexão sobre o maior equilíbrio entre o homem e a natureza. A arte e arquitetura transitam entre o lado concreto e o invisível dos seres, num movimento recíproco do meio exterior e do mundo interior. A pintura “Arte e Vida” expressa o isolamento e o distanciamento social na condição da pandemia.

DAURA MARIA DE PAIVA ZALDANA



Lago La Pachamama. Óleo sobre tela. 30 x 30 cm.

La Pachamama, “Madre Tierra” deusa feminina da fertilidade na cultura Inca, aqui representada pela pedra que mostra sua face na encosta junto ao lago. Como um totem, a face da pedra provoca reverência, nos desperta a percepção da terra, como a natureza que nos acolhe e sustenta. Inspira uma relação de harmonia com o lugar e respeito por todas as formas de vida.

A presença viva do momento só é percebida pela consciência desperta

SERIGRAFIA

Prof. Lamounier Lucas

Gabriela Clemente
Regina Carvalho

GABRIELA CLEMENTE



Sensório Alimento. Serigrafia. Dimensões variadas.

Parti do interesse em causar estranhamentos visuais e ao mesmo tempo estimular a construção de pensamentos e atitudes que levem a uma maior interação da arte com o alimento. Na serigrafia ficou latente a associação com a cozinha. Realizei diversos cortes nos vegetais em busca das áreas internas, visualidades geralmente despercebidas por nós. Aos poucos apresento uma coleção de gravuras vegetais.

"Todo trabalho do homem é para a sua boca"
Eclesiastes 6:7

REGINA CARVALHO



#BUEIROS. Serigrafia sobre papel manilha. 80 x 550 cm.

#BUEIROS: A imagem dos grafites dos versos do poema Ave! Água (do poeta Marcelo Dolabela) nos bueiros das ruas que contornam o Parque Municipal Ursulina de Melo, no bairro Castelo em BH, foram usadas em processos serigráficos como forma da artista interagir com o espaço e refletir a condição insustentável da arquitetura urbana, que interdita os cursos d'água e transforma rios em esgotos.

DOCENTES ESCOLA GUIGNARD - UEMG

Departamento de Artes Plásticas (DAP)

Adriano Célio Gomide
Alexis Azevedo Morais
Carlos Henrique Gomes Machado Cordeiro
Cláudia Tamm Renault
Domingos Sávio Reale Pereira
Fabiola Gonçalves Giraldi
Fabiola Silva Tasca
Getúlio José Moreira
Graciara Oliveira Silva
Isaura Caporalli Pena
Juliana Silveira Mafra
Júnia Maria da Fonseca Penna
Leticia Crespo Grandinetti
Louise Marie Cardoso Ganz
Marco Paulo Ribeiro Rolla
Marcelino Peixoto de Melo
Maria Márcia Franco Gomes
Sebastião Brandão Miguel
Sonia Salgado Labouriau

Departamento de Disciplinas Tridimensionais e Artes Visuais (DTAV)

Daniela Goulart Peres
Eimir Fonseca Magalhães
Fabiane Barreto da Cunha
Flavia Leme Almeida
Gabriel Malard Monteiro
José Roberto Schneedorf Ferreira da Silva
Lamounier Lucas Pereira Junior
Nara Firme Braga
Thiago Carvalho Pena
Tibério César França

Departamento de Disciplinas Teóricas e Psicopedagógicas (DDTPP)

Adilson Xavier da Silva
Alexandre Rodrigues da Costa
Barbara Oliveira Ahouagi
Celina Figueiredo Lage
Elaine Cândida Vieira Marrocos Sartori
Luciana Mendes Velloso
Marilene Oliveira Almeida
Pablo Alexandre Gobira de Souza Ricardo
Paulo Roberto de Carvalho Barbosa
Rachel de Sousa Vianna
Rangel Cerceau Netto
Rodrigo Amaro de Carvalho
Ronan Cardozo Couto
Rosana de Figueiredo Ângelo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Habilitações 2020 [livro eletrônico] : Escola Guignard-UEMG : cerâmica, desenho, escultura, fotografia, litografia, pintura, serigrafia / [organização Fabiola Gonçalves Giraldi]. -- Belo Horizonte, MG : Escola Guignard-UEMG, 2021. PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-00-21642-4

1. Artes - Estudo e ensino 2. Cerâmica 3. Desenho 4. Disciplina escolar 5. Escola Guignard - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais 6. Escultura 7. Fotografia 8. Litografia 9. Pintura 10. Serigrafia I. Giraldi, Fabiola Gonçalves.

21-63746

CDD-707

Índices para catálogo sistemático:

1. Disciplinas de habilitações : Arte 707

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



CATÁLOGO HABILITAÇÕES 2020- ESCOLA GUIGNARD - UEMG

Diretora
Profa. Dra. Lorena D'Arc Menezes de Oliveira

Vice-diretora
Profa. Ma. Fabiola Gonçalves Giraldi

Produção gráfica e organização
Rômulo Soares Rodrigues

Projeto Gráfico
Sebastião Miguel

Este catálogo foi feito com a colaboração de todos os estudantes e professores envolvidos no processo das habilitações 2020 na Escola Guignard - UEMG. Os textos deste material foram inteiramente produzidos pelos estudantes.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Reitora: Profa. Lavinia Rosa Rodrigues
Vice-reitor: Prof. Thiago Torres Costa Pereira

ESCOLA GUIGNARD - UEMG

Diretora: Profa. Dra. Lorena D'Arc Menezes de Oliveira
Vice-diretora: Profa. Ma. Fabiola Gonçalves Giraldi
Secretária: Suzana Dantas Cioglia A de Carvalho
diretoria.guignard@uemg.br
(31) 3194 9301

Coordenação do Colegiado do Curso Artes Plásticas Bacharelado (BAP)

Coord.: Prof. Ms. Lamounier Lucas Pereira Junior
SubCoord.: Prof. Ms. José Schneedorf Ferreira da Silva
Secretária: Leticia Schneider
coordenacaobap.guignard@uemg.br
(31) 3194 9307

Coordenação do Colegiado do Curso Artes Plásticas Licenciatura (LAP)

Coord.: Profa. Dra. Fátima Pinheiro de Barcelos
SubCoord.: Profa. Dra. Marilene Oliveira Almeida
Secretária: Leticia Schneider
coordenacaolap.guignard@uemg.br
(31) 3194 9307

Coordenação do Centro de Extensão

Coord.: Prof. Dr. Sebastião Brandão Miguel
Apoio: Jadir Assunção Lima
extensao.guignard@uemg.br
(31) 3194 9310

Coordenação do Centro de Pesquisa

Coord.: Profa. Dra. Daniela Goulart Peres
Secretário: Cláudio Cheib
pesquisa.guignard@uemg.br
(31) 3194 9309

Chefia do Departamento de Artes Plásticas

Chefe: Profa. Esp. Graciara Oliveira Silva
departamentoap.guignard@uemg.br
(31) 3194 9309

Chefia do Departamento de Disciplinas Tridimensionais e Artes Visuais

Chefe: Prof. Esp. Renato Madureira Silva
departamentodtav.guignard@uemg.br
(31) 3194 9309

Gestão Interina do Diretório Acadêmico Alberto da Veiga Guignard

Presidente: Tânia Maria Santos | **Secretária:** Gabriel Araújo Fernandes | **Tesoureira:** Caroline Borges de Oliveira
Representantes nos Colegiados: Sarah Queiroz Abrão Pimente 1 Karen Lommez Gomes | João Victor Vieira Gonçalves | Thiago José Santos de Alcântara | João Pedro Mendes Maciel

Rua Ascânio Burlamarque, 540 - Mangabeiras
30315-030 Belo Horizonte-MG
Telefone: (31) 3194 9300 / (31) 3194-9303
Site: <http://uemg.br/guignard>

Chefia do Departamento de Disciplinas Teóricas e Psicopedagógicas

Chefe: Prof. Dr. Ronan Cardozo Couto
departamentodtp.guignard@uemg.br
(31) 3194 9309

Coordenação da Pós-Graduação Lato Sensu Arte e Contemporaneidade

Coord.: Profa. Dra. Júnia Maria da Fonseca Penna
Secretária: Sílvia Assis
arte.guignard@uemg.br
(31) 3194 9308

Coordenação da Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado em Artes

Coord.: Profa. Dra. Lúcia Pompêu de Freitas Campos
SubCoord.: Prof. Dr. Luiz Naveda
Secretário: Antônio Carlos de Almeida
ppgartes@uemg.br
(31) 3029-5254 / 3029-5254

Secretários Acadêmicos

Chefia: Judson Vieira da Fonseca
Francisco Wagner Xavier Ribeiro
secretaria.guignard@uemg.br
(31) 3194 9305 - (31)3194 9304

Bibliotecários

Telma de Oliveira Melo
Ricardo Claret de Azevedo Santos
biblioteca.guignard@uemg.br
(31) 3194 9306

Setor de Apoio

Thiago Palhares Assis
apoio.guignard@uemg.br
(31) 3194 9311

Comunicação - Ponto Focal

Prof. Ms. Alexis Azevedo Moraes
ascorn.guignard@uemg.br